

## RESENHA

---

### A CORAGEM DA TEORIA – CIÊNCIA DA LINGUAGEM E POLÍTICA: ANOTAÇÕES AO PÉ DAS LETRAS

ORLANDI, E. P. *Ciência da Linguagem e Política: anotações ao pé das letras*. Campinas: Pontes, 2014, 128 pp.

*Pensar sozinho – isto é sábio.*  
Nietzsche

*para ler ao som de Panis et  
Circenses*  
Caetano Veloso, Gilberto Gil,  
Os Mutantes, 1967

Em sua mais recente obra, *Ciência da Linguagem e Política: anotações ao pé das letras* (2014), Eni Puccinelli Orlandi compartilha com suas leitoras e com seus leitores um percurso reflexivo sobre um período importante para o Brasil. A singularidade do trabalho se marca justamente pelo recorte temporal a que se dedica: a ditadura militar no Brasil (1964/1984). Singularidade porque Eni Orlandi viveu intensamente o período, e sobreviveu a ele. Analisar esse período evoca acontecimentos desde o início da colonização até a mundialização contemporânea. Não se trata, entretanto, de uma produção meramente biográfica, que reivindica a verdade e a coerência a partir da soberania interpretativa do sujeito. Consequente com sua posição materialista, as análises sobre as relações entre Ciências da Linguagem e Política se pautam pelo enfrentamento à opacidade da história. Para tanto, o método utilizado é o da História das Ideias Linguísticas que guarda relação com a perspectiva discursiva.

O cerne da reflexão é o estabelecimento do laço indissociável entre a conjuntura política e a produção do conhecimento linguístico. De

imediatamente, ressaltamos a noção de conjuntura apresentada, extremamente profícua para os debates em Análise de Discurso: “a noção de conjuntura implica, assim, as condições sociopolíticas e históricas em que se produzem as teorias, em suas determinações ideológicas” (p.112). No caso deste trabalho, trata-se especificamente de compreender “como o político está presente nas teorias linguísticas e como os linguistas se posicionam frente ao que são as políticas da Linguística” (p.17). Por meio de análises discursivas extremamente refinadas, Eni Orlandi demonstra, ao produzir uma compreensão da interdependência entre ciência e política, que, “pela ideologia, naturaliza-se o que é produzido pela história (p.39)”. A desnaturalização da produção científica é, já de início, mérito do trabalho.

Na empreitada de desnaturalizar a Ciência da Linguagem, Orlandi afirma que a relação entre as línguas hoje são outras: “reorganizaram-se histórica e politicamente nas diferentes sociedades” (p.19). A autora aponta o processo de *descolonização linguística*, que, “enquanto um acontecimento linguístico, ele sustenta-se no fato de que a língua faz sentido em relação a sujeitos que não estão mais submetidos a um poder que lhes impõe uma língua de sujeitos de outra sociedade, de um outro Estado, de uma outra Nação” (p.18-19). E aqui o *espaço*, tal como Orlandi o trabalha, afeta a noção de lusofonia, pois esta não é mais definida a partir do passado (uma língua imposta), mas na projeção de um futuro. “Este espaço é definido, então, como um *conjunto de línguas que, no presente, é um campo dinâmico e diversificado, multilíngue, presente em vários continentes, na sua coexistência com uma língua europeia que faz parte desta história*” (p.19). Pensar o espaço também afeta o campo que se delimita para as questões linguísticas, pois remete à globalização, “pensada em sua forma política que é a de apagar, pelo menos imaginariamente, os limites histórico-políticos e socioculturais, próprios da relação Estado/Nação vigentes (p.20). Reflexão esta que leva à denúncia de que o discurso do multilinguismo/multiculturalismo sustenta na verdade o domínio do monolinguismo.

Diante disso, Orlandi propõe a prática do *universalismo linguístico*, “que reconhece no outro homem o que somos, admitindo as diferenças, sendo diferentes” (p.21). O estímulo da pluralidade que o universalismo histórico proposto por Orlandi sugere é um convite ao

que a autora chama de *uma humanidade compartilhada* – noção de que o contato linguístico aceite a “hospitalidade” (termo que retoma de Dauk (2006)). Eis o apelo: “é preciso que nossa relação com as línguas signifiquem em nossas histórias, em nossas culturas e em nossas singularidades. Sem esquecer que não somos apenas diferentes, mas também semelhantes em nossa condição de sujeitos simbólicos e históricos, com nossas formas de relações sociais em nossas línguas pluricêntricas” (p.23).

A partir desses conceitos, Eni Orlandi nos antecipa a linha mestra de toda a obra: “em diferentes momentos da história, as relações de poder se organizam e declinam diferentemente suas relações com as línguas e entre elas, nas e entre as sociedades e as culturas diferentes” (p.24). A partir disso, passa a demonstrar que as formas de conhecimento não são indiferentes ao político e à conjuntura política.

Conforme afirmado já de início, a obra se dedica a um momento crucial da história brasileira: a ditadura militar. Mas, do reconhecimento que todo recorte histórico evoca acontecimentos passados e futuros a si, Orlandi trabalha o período entre os anos 60 e 90 do século XX. Dedica-se, nesse período, aos programas de pesquisa que se desenvolveram em projetos coletivos, a saber:

1. da dialetologia, da geografia linguística, na forma dos estudos e pesquisas sobre os Atlas linguísticos e o projeto da Norma Culta que, este, depois se desdobra no 2. Gramática do Português Falado, e, mais recentemente, na História do Português Brasileiro, o que, na perspectiva em trabalho, já é bastante sintomático, vistos os diferentes momentos políticos em que se desenvolvem estes programas de pesquisas; e 3. o da Análise de Discurso (p.26).

Vale lembrar que a autora compreende a história do conhecimento como uma questão discursiva, ou seja, o conhecimento é um discurso, então interessa não sua reconstrução, mas sim o processo pelo qual a história se conta. Ou seja, não se trata de considerar a posição pessoal dos cientistas, mas de “como as formações teóricas a que se filiam ‘respondem’ a esta conjuntura” (p.112). Relação nem imediatista, nem automática. Pergunta-se “quais são os compromissos que as teorias

têm com a política, e fazemos isto a partir do exame de uma noção: a de exterioridade” (p.110).

O fio condutor para a análise da relação entre política e ciência linguística nos diferentes projetos coletivos é a noção de *exterioridade*, intensamente trabalhada e retrabalhada por Orlandi ao longo de toda sua obra enquanto constitutiva do funcionamento linguístico. Ao analisar o modo como as diferentes formações teóricas lidam com o “exterior” é que Orlandi considera a relação entre ciência da linguagem e política, pois em muitos lugares a política é considerada exatamente como o diferente dos procedimentos científicos. Assim, enquanto a Pragmática trabalhará o fora da linguagem com a noção de contexto, o que acaba por “obscurecer o lugar da língua” (p.68), a Análise de Discurso reconhecerá que “a língua tem sua própria ordem. Mas ela é relativamente autônoma (P. Henry, 1975), pois a língua se inscreve na história para significar. E a discursividade resulta dos efeitos da inscrição da língua sujeita a falhas na história” (p.68). A Análise de Discurso se difere dessa maneira radicalmente da Pragmática, pois pensa, “junto à noção de *condições de produção*, a questão da *memória discursiva*” (p.69) – e a isto Orlandi chama de *exterioridade constitutiva*.

Dessa perspectiva, temos os trabalhos que, a partir dos anos 60, trazem a marca teórica do *funcionalismo de linhagem pragmática* (p.77). São projetos que, na retomada que Orlandi faz de Ataliba T. de Castilho (1972-1973), se filiam à “dialetologia, no tratamento de questões teóricas sobre a variação, o dialeto, o falar, a língua padrão”. Nessa esteira, inserem-se projetos que tratam da *norma gramatical*, relacionada à gramática normativa, e da *norma padrão*, mais específica, vinculada a um modelo, à língua *standard* – e disso o surgimento de um projeto como o NURC (*Norma Culta Urbana*), coordenado inicialmente por N. Salum e Ataliba T. de Castilho. Inserem-se também projetos posteriores – o *Projeto de Gramática do Português Falado* (desde 1988), que dá início, em 2000, à *Gramática do Português Falado*. Projetos em que a exterioridade é compreendida em categorias empíricas como idade, escolaridade, região/cidade, filiação. Projetos que guardam o mérito de mostrar algo novo sobre a história da língua.

Em contrapartida, ainda nos anos 60, temos o surgimento da Análise de Discurso, que já em princípio trabalha o político enquanto

relações de poder simbolizadas, afirmando tanto os sentidos quanto os sujeitos divididos entre si e em si. Questiona dessa maneira a evidência empírica da leitura, deslocada para a *transparência da linguagem*. Respondendo a diferentes conjunturas no Brasil – em que se vivia a repressão e violência da ditadura militar – e na França – em que se vivia o estado de direito, é certo que o trabalho de Eni Orlandi no Brasil é um trabalho de e para a r-existência: “onde há poder, há resistência (Orlandi, 1992)” (p.45, nota 45). Daí a compreensão de que o político estava presente em qualquer discurso, e não apenas no discurso político, tal como era majoritariamente trabalhado na França.

*Ciência da Linguagem e Política – anotações do pé das letras* brinda suas leitoras e seus leitores com análises extremamente ricas e detalhadas da história da linguística no Brasil. Desde o batimento entre as descrições minuciosas dos *corpora* no trabalho de leitura do arquivo, e a interpretação consequente das relações políticas envolvidas, Eni Orlandi demonstra em um trabalho intensamente lúcido o modo pelo qual os projetos referentes à Norma Culta se relacionam com a ditadura em seus incícios, em que a normatividade se impunha, o modo pelo qual o momento de abertura do regime afeta os trabalhos do português falado, e o modo pelo qual a história do português brasileiro ou paulista (caipira) se coaduna à conjuntura contemporânea da mundialização e do multiculturalismo, próprios ao sociologismo. A autora lembra, entretanto, que “cada uma dessas formações teóricas não se esgota na relação com a conjuntura política em que se estabelece, mas isto as marca de uma ou outra maneira” (p.122).

Eni Puccinelli Orlandi instaurou uma nova poética para a Análise de Discurso, que influencia inclusive a leitura que hoje se faz dos chamados *precursores da AD* – marcas da colonização. Orlandi enfrentou com coragem um período sombrio de nossa história, e este enfrentamento marca profundamente seu trabalho teórico.

Ensina-nos que enquanto analistas não estamos livres das determinações históricas, mas que é justamente por serem históricas que essas determinações podem ser transformadas.

Transvalora o trabalho teórico em esforço ético e estético: *ousar de revoltar, ousar pensar por si mesmo*, como afirma Pêcheux (1975). Para isso, é preciso coragem.

Coragem para entender “da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder” (Rosa, 2001, p.116).

Coragem porque o que a vida “quer da gente é coragem” (Rosa, 2001, p.344).

Isadora Machado

Doutoranda em Linguística – IEL/UNICAMP

### **Referências Bibliográficas**

PÊCHEUX, M. (1997). *Semântica e Discurso*. Campinas: Editora da Unicamp.

ROSA, J. G. (2001). *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.